
Um olhar do jornalismo sobre o religioso: cobertura sobre atuação do Papa Francisco na reaproximação entre EUA e Cuba¹

Adilson Rodrigues da NÓBREGA²

Luís Celestino de FRANÇA JÚNIOR³

Centro Universitário Inta (Uninta), Sobral, CE

Universidade Federal do Cariri (UFCA), Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

O artigo busca interpretações sobre o interesse das imprensas brasileira e italiana a respeito da contribuição do Papa Francisco na retomada das relações diplomáticas entre Estados Unidos e Cuba, anunciada em dezembro de 2014. Em discussão, os valores-notícias identificados para justificar o potencial interesse de veículos de Comunicação pela pauta jornalística da intervenção do pontífice, ao mesmo tempo chefe de Estado do Vaticano e figura com imagem pública tida como reformadora e carismática. No percurso desta análise, recorreremos à análise do papel da Santa Sé na diplomacia mundial; às aproximações entre Igreja Católica e uso das mídias; às referências sobre Newsmaking, para analisar diferenças e semelhanças nas coberturas jornalísticas dos dois países

PALAVRAS-CHAVE: Carisma; Newsmaking; Diplomacia; Pluralismo Religioso; Catolicismo.

Introdução

“Papa Francisco intermediou aproximação entre EUA e Cuba” (Folha de S. Paulo, 17/12/2014). “Cuba-Estados Unidos, Papa Francisco e o Vaticano por trás do ponto de virada” (Corriere Della Sera, 17/12/2014). “Cartas do Papa Francisco abriram caminho para acordo entre EUA e Cuba” (Veja, 17/12/2014). “Vaticano: Os principais passos que levaram ao degelo nas relações EUA-Cuba” (La Stampa, 19/12/2014).

Essas manchetes de alguns dos veículos de comunicação de maior audiência e influência no Brasil e Itália confirmam uma tendência: em dezembro de 2014, quando Estados Unidos e Cuba anunciaram a retomada de relações diplomáticas após mais de 50 anos de rompimento, boa parte da mídia internacional reservou ao Papa Francisco um papel de protagonista. O pontífice surgia na cobertura como um importante articulador para essa reaproximação, ao intermediar contatos entre os governos dos dois países, abrir

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religião, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Jornalismo do Uninta (Sobral-CE). E-mail: adilsonnobrega@hotmail.com

³ Professor do curso de Jornalismo da UFCA. E-mail: luis.celestino@ufca.edu.br

espaço no Vaticano para reuniões entre diplomatas das duas nações e até mesmo intermediar diretamente negociações para libertação de agentes governamentais dos países envolvidos.

O anúncio da reaproximação diplomática provocou também uma revelação dessas negociações, até então mantidas sob sigilo, conferindo a Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco, um espaço de destaque. Foi a leitura dessa cobertura em veículos brasileiros e italianos, em dezembro de 2014, que despertou, nos autores deste artigo, reflexões. Que fatores justificariam um olhar da imprensa sobre essa atuação do pontífice? O que justificaria um lugar de destaque conferido ao campo religioso em veículos onde nem sempre – pelo menos no caso da imprensa brasileira – este tipo de pauta não ocupa com tanto frequência o noticiário da cobertura internacional?

A condição de chefe de Estado do Vaticano reserva ao Papa a prerrogativa de intermediação de relações diplomáticas entre a Santa Sé e demais governos no mundo. Observar essa condição de chefe de Estado e suas atribuições era uma expectativa para uma cobertura jornalística sobre pautas internacionais.

De fato, essa condição foi noticiada e analisada. Mas, na mídia brasileira, ela se tornou secundária, diante de outra questão: a figura do Papa Francisco como um líder internacional carismático, com atributos pessoais capazes de se tornar um protagonista e, supostamente, um personagem fundamental em uma reaproximação entre nações em litígio. De forma praticamente homogênea, a imprensa brasileira promoveu uma ênfase jornalística sobre características pessoais. A construção pública da figura de um “herói”.

Uma indagação surgiu como ponto de partida para elaboração deste artigo: por que essa dimensão carismática e pessoal, vinculada à imagem pública do Papa Francisco, passou, na construção da informação jornalística em veículos brasileiros, a se sobrepor ao papel de estadista naturalmente reservado ao pontífice? Em que a abordagem realizada pela imprensa italiana se aproxima ou se difere de seus pares brasileiros?

Na mídia italiana, verificou-se uma abordagem mais heterogênea, em que, se por um lado menciona o fato de Francisco ser o primeiro papa latino-americano como fator que pode ter facilitado a aproximação entre países do continente, por outro traz ênfase a desdobramentos do caso, como a libertação de presos norte-americanos e destaca desafios diplomáticos do Vaticano em outros continentes. Que fatores podem ter colaborado para essa relativa diferenciação?

No percurso desta análise recorreremos à análise sobre as dimensões institucional e carismática da figura do Papa em um contexto onde igrejas cristãs buscam visibilidade (inclusive midiática) e sobre valores-notícia que, no âmbito da Teoria do Jornalismo, possam ser chaves para interpretação da atenção a respeito da atuação de Francisco no caso tomado como objeto deste estudo.

Faces do papa em um contexto de busca por visibilidade

A Igreja Católica ocupa papel peculiar entre atores religiosos com atuação internacional: a Santa Sé é a única instituição religiosa no mundo que tem prerrogativa de manter relações diplomáticas com Estados, como lembra Anna Carletti (2015). Atualmente, ela possui representantes diplomáticos em 177 países, além de manter observadores em organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU).

Temos, assim, um papel de chefe de Estado e intermediador de relações diplomáticas intrinsecamente atribuído a qualquer pontífice. Em um contexto atual, inclusive a arbitragem de relações internacionais no âmbito da Igreja Católica comporta grandes desafios como os diálogos com o mundo islâmico, com países de maioria cristã ortodoxa, as nações onde cristãos são minorias ou sofrem riscos de perseguição religiosa, a dificuldade para estabelecer pontes diplomáticas com a China (onde o Vaticano não tem representação), conforme destaca Boris Vukicevic (2015).

A atuação de Bergoglio, nesse campo da diplomacia internacional, tem sido marcada por desafios históricos, evidenciados neste século 21, e por outras questões como um olhar mais atento da Santa Sé a países tidos como periféricos, a crise internacional de refugiados e articulações locais em países latino-americanos, como a Colômbia e o México, onde ele teve papel de mediador em acordos de paz entre governos e forças paramilitares. É uma atuação em escala global, com alguns desafios considerados até mais complexos que a reaproximação entre Cuba e os Estados Unidos, conforme avalia Vukicevic (2015), discussão que retomaremos ainda neste texto.

Sob um ponto de vista das rotinas de produção de notícias, todas essas mediações têm potencial para gerar pautas jornalísticas. Entretanto, um outro aspecto relacionado ao papado de Francisco parece ganhar mais ênfase no noticiário: a imagem pública de um líder religioso capaz de atrair simpatia até mesmo de não católicos ao instalar medidas de

reformas e transparência na instituição e de tornar a Igreja mais aberta a diálogos com grupos em conflito com dogmas católicos, como divorciados e homossexuais.

É, necessário, portanto, recorrer às Ciências Sociais para resgatar o conceito de carisma que permitam a análise dessa imagem pública e seus desdobramentos. Na obra de Max Weber, esse conceito é analisado no contexto das formas de dominação e exercício de poder. Em *Economia e Sociedade*, Weber (1999) categoriza como carismáticos líderes que surgem em situações de dificuldades como portadores de dons específicos, considerados “sobrenaturais” (no sentido de não serem acessíveis a todos). Sua liderança nasce da emergência dessas situações extraordinárias, não estando ele, conforme Weber, vinculado a poderes ou cargos da estrutura de dominação burocrática, por exemplo.

Essa dominação carismática em um sentido “puro” é, portanto, resultado de situações extraordinárias, mas há a possibilidade do fenômeno da “rotinização do carisma”, quando “a dominação ‘pura’ do carisma vê-se rompida, transferida ao institucional (...) imperceptivelmente substituída por outros princípios estruturais” (WEBER, 1999, p. 332), transformando aquelas virtudes carismáticas em dogmas, doutrinas, teorias ou outros mecanismos normativos ou institucionais.

Tomadas essas considerações, há como classificar Bergoglio como um líder carismático sob a ótica da sociologia weberiana? Alguns indícios sugerem que sim, ainda que ele também agregue aspectos tradicionais e institucionais no exercício do pontificado. Embora, até mesmo pelo exercício de um cargo institucional de uma instituição burocratizada, ele não possa ser considerado um portador de carisma no sentido “puro”, algumas características de seu papado sugerem traços de uma liderança carismática.

Talvez um dos mais evidentes seja a emergência de sua figura em um contexto de crise pública de imagem da Igreja Católica, aguçado pelo episódio da renúncia de Bento XVI. Em um quadro de expectativa por um sucessor “que deveria retirar a Igreja da crise e conduzi-la por novos rumos” (PASSOS, 2014, p. 1392), Bergoglio surge como “como um Papa disposto a renovar (...) uma figura carismática que rompe dos padrões tradicionais e com as regras burocráticas do poder curial” (PASSOS, 2014, p. 1392).

Tal postura traz, enfim, potencial interessante para uma análise científica no campo da Comunicação Social: a possibilidade de ele ser heroicizado pela mídia (GRIGOLETTO; DE NARDI, 2015), sendo apresentado como um personagem de conduta pessoal supostamente exemplar. Esses autores apontam que, desde sua eleição,

em 2013, Francisco é assunto de pauta nos principais veículos de Comunicação no planeta, alcançando popularidade, segundo eles, jamais vista por outro papa da Igreja Católica – superando, inclusive, João Paulo II, um pioneiro no uso recente de veículos de comunicação de massa e tido, por alguns autores, como um dos pontífices mais midiáticos da história do Catolicismo (ANGELINI, 2014).

Essa “dupla face” deve ser vista, ainda, dentro de um contexto relevante: o de pluralismo religioso, fenômeno global que faz com que igrejas ingressem em um mercado de concorrência simbólica, onde precisam se profissionalizar, se tornarem agências de mercado para permanecerem em condições de lutar por adeptos – consumidores de um “produto” religioso, conforme reforça Peter Berger (2004). Nessa concorrência, a visibilidade torna-se elemento fundamental não só de se expor em público, mas de ampliar essa “oferta” religiosa, fazendo este “produto” chegar a mais fiéis ou mesmo reforçando a pertença dos já filiados.

Para Luís Martino (2003), as instituições religiosas não podem contar somente com a mídia para introduzir elementos simbólicos religiosos na esfera pública, pois a qualidade simbólica dos bens oferecidos exige estratégias de convencimento cada vez mais complexas para dar conta de todo o contexto de ofertas. Para isso, é importante que a Igreja não somente tenha seus próprios veículos de Comunicação, como também que procure adequar suas linguagens – inclusive de proselitismo - à cultura midiática.

Todo este contexto abre um elemento para reflexão: até que ponto estes elementos reformistas, de carisma pessoal e de “adaptação” a realidades e discursos contemporâneos não fazem parte de uma estratégia de Comunicação e busca por visibilidade da própria Igreja Católica? Neste caso, é importante que se reflita sobre usos destes elementos em um discurso orientado a pautar agências de notícias e a própria estrutura de Comunicação do Vaticano, com possível influência sobre as temáticas dos demais veículos de Comunicação, incluindo aqueles aqui analisados.

Valores-notícia para compreensão da cobertura

Todo o processo de produção de notícias obedece a critérios que, muitas vezes, podem passar despercebidos pelo senso comum. Diferentemente do que propunha a Teoria do Espelho - embasada na ideia de que as notícias refletem o real, fruto do Positivismo e de um ideal de objetividade que excluiria por completo a noção de

subjetividade -, a Teoria da ação pessoal ou teoria do gatekeeper, formulada por David White, coloca o jornalista no centro da questão sobre a escolha das notícias.

(...) o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos gates, isto é, ‘portões’ que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é, o gatekeeper, tem de se decidir se vai escolher essa notícia ou não (TRAQUINA, 2005, p. 150).

Mas, para além dos critérios subjetivos de cada jornalista, com o desenvolvimento da hipótese teórica do gatekeeper, perceberam-se critérios objetivos que explicariam, por exemplo, a reprodução de notícias similares ou da ênfase a determinados conteúdos em mais de um veículo de comunicação. J. Galtung e M. Ruge (apud MARTINO, 2003, p. 113-114) formularam 12 critérios para que determinado fato se transforme em notícia. São eles:

- 1 - A frequência ou o momento do acontecimento (...);
- 2 - Magnitude do acontecimento (...);
- 3 - A clareza (...);
- 4 - A significação (...);
- 5 - A correspondência ou consonância (...);
- 6 - O inesperado (...);
- 7 - Continuidade (...);
- 8 - Composição (...);
- 9 - Notícias sobre países do chamado 1º mundo (...);
- 10 - Reportagens sobre as elites (...);
- 11 - Personalização (...);
- 12 - O negativo (...).

Desde o início de sua posse como Papa, Jorge Mario Bergoglio tem reunido uma série de critérios que fazem dele uma figura midiática. A combinação da personalização - “quanto mais um acontecimento puder ser noticiado em termos pessoais, como resultado de uma ação individual, maior sua chance de ser pautado” (MARTINO, 2003, p. 114) - ao ineditismo, como critérios de noticiabilidade, explica em parte a grande exposição do Papa Francisco: o primeiro pontífice americano (e latino-americano), o primeiro jesuíta, o primeiro a adotar o nome Francisco.

A sua postura de “reformador” na Igreja Católica também fornece elementos para uma abordagem jornalística que caracterize um “ineditismo” em um contexto em que não se percebia uma postura de flexibilização sobre assuntos dogmáticos. É o caso de suas declarações públicas em favor da tolerância da instituição religiosa aos fiéis católicos divorciados ou homossexuais. Assim, ele se coloca no centro dos holofotes da mídia.

Simões e Ferreira (2015) apresentam a ideia da personalidade pública como “acontecimento” para analisar o caso do Papa Francisco. Para as autoras, o pontífice gerou uma “descontinuidade na experiência de católicos e não católicos, afetando e configurando públicos em sua volta”, justamente por trazer à tona valores afinados à sociedade contemporânea. (SIMÕES; FERREIRA, 2015, p. 74).

De um lado, o que chamam de poder de afetação de Francisco combina “euforia, esperança e confiança”, provocadas nos fiéis a partir da construção de uma imagem de Papa autêntico em suas palavras, vivendo o que apregoa, com a encarnação da novidade: o ineditismo de um papa latino-americano e jesuíta. De outro, o seu poder hermenêutico, gerado pela exposição das “feridas” da Igreja, como a pedofilia ou a corrupção, e da ação no sentido de modificar velhas estruturas, também sinalizadas pelo discurso de Francisco na abertura da Igreja a grupos excluídos (SIMÕES; FERREIRA, 2015, p. 82).

O caso da reaproximação entre Estados Unidos e Cuba, em dezembro de 2014 - por si só um importante fato histórico depois de mais de 50 anos de ausência de relações diplomáticas entre os dois países -, ganhou uma dimensão ainda mais notória com a revelação da mediação do Papa Francisco nesse processo. O inesperado da decisão e a significação histórica do acontecimento - correspondente ao valor-notícia da “significação”, segundo a definição de Galtung e Ruge aqui já referenciada - somados à intervenção de um líder espiritual (portanto, um fato com viés personalista), reúnem ingredientes decisivos para uma cobertura ampla da mídia internacional.

É verdade que, como adverte Pedron (2015), o interesse de Francisco em participar da mediação de conflitos internacionais não é nenhuma novidade da política externa do Vaticano (2015, p. 119-120), mas, no caso da reaproximação entre Cuba e EUA, o que chama a atenção é justamente a mediação ter tido efeitos práticos, o que gera repercussão midiática.

No caso particular de Francisco, o enquadramento feito pela mídia a respeito do posicionamento dele em temas seculares que, de alguma maneira, têm interface com a religião seria o ponto-chave para a compreensão da exposição papal. O acolhimento da Igreja aos gays e a condenação da discriminação, a importância da participação feminina na vida social e a oposição ao machismo e, ainda, o discurso contra um sistema econômico que chamou de excludente, em referência ao capitalismo, seriam algumas das declarações “não esperadas” do líder espiritual da Igreja Católica Apostólica Romana. “Nos momentos em que a dinâmica interna do campo religioso é revelada ao público,

mostrando as posições relativas de cada participante ou denunciando estratégias recíprocas de domínio, a religião torna-se elemento de destaque” (MARTINO, op. Cit., p.119-120).

Análise das coberturas das mídias brasileira e italiana sobre a atuação do Papa

Para analisar as coberturas das mídias brasileira e italiana sobre o papel do Papa na reaproximação entre EUA e Cuba, selecionamos, ao todo, sete reportagens. Nos dois países, priorizamos veículos de alcance e circulação nacionais, com reportagens identificadas na segunda quinzena de dezembro de 2014, período em que o restabelecimento das relações diplomáticas foi anunciado.

Uma primeira etapa deste trabalho de análise foi desenvolvida e apresentada há três anos, com foco na mídia brasileira (NÓBREGA; BONFIM, 2016). Esta segunda etapa, aqui apresentada neste artigo, traz complemento e traça comparativo com a abordagem da imprensa italiana, com objetivo de verificar uma cobertura em que os periódicos têm acesso mais direto ao cotidiano do Vaticano, numa relação de dependência menor das agências de notícias como fontes. Uma dependência que tende a acontecer para a mídia brasileira, em veículos sem sucursais na Itália, e traz algum risco para homogeneização das abordagens nas pautas.

Na imprensa brasileira, foram selecionadas quatro matérias⁴, sendo uma do Portal Terra, uma da edição online do jornal Folha de S. Paulo e duas do portal da revista Veja. Nelas, foram encontrados, com frequência, dois aspectos principais, ambos aqui já referenciados, que ajudam a compreender uma tendência dominante entre as publicações brasileiras: o primeiro, a personalidade pública do Papa vista como “acontecimento”,

⁴ Estas quatro reportagens estão listadas a seguir:

- Cartas do Papa Francisco abriram caminho para acordo entre EUA e Cuba. Veja.com. 17 dezembro de 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/cartas-do-papa-francisco-abriram-caminho-para-acordo-entre-eua-e-cuba/>>. Acesso em: 7 jul. 2016.

- Papa diz que está feliz com aproximação EUA-Cuba. 2014. Portal Terra. 18 dezembro 2014. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/oriente-medio/papa-diz-que-esta-feliz-com-aproximacao-eua-cuba,6df1baaea6d5a410VgnCLD200000b2bf46d0RCRD.html>>. Acesso em: 8 jul. 2016.

- Papa Francisco intermediou aproximação entre EUA e Cuba. 2014. Folha de S. Paulo, São Paulo, 17 dezembro 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/12/1563703-papa-francisco-intermediou-aproximacao-entre-eua-e-cuba.shtml>>. Acesso em: 9 jul. 2016.

- Papa Francisco, o diplomata. Veja.com. 20 dezembro 2014. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/mundo/papa-francisco-o-diplomata/>>. Acesso em: 8 jul. 2016.

tendo como pano de fundo o ineditismo como valor-notícia; o segundo, o discurso de heroização da figura papal, relacionado aos aspectos carismáticos atribuídos a ele.

No caso do ineditismo como valor-notícia, ele está evidente em alguns trechos de reportagens da Veja. Em “Papa Francisco, o diplomata”, publicada em 17 de dezembro de 2014, a revista destaca que, embora a atuação da Igreja em debates internacionais “não seja novidade”, pois, historicamente, Papas têm feito intervenções para influenciar situações globais, no caso do papa Francisco, “chama a atenção a velocidade com que suas iniciativas têm alcançado sucesso”.

No discurso da revista, ganha destaque o fato de que, em apenas dois anos de papado, Bergoglio já teria dado contribuições como essa reaproximação que ganha “patamar histórico”, conforme classifica o texto da reportagem. A mesma revista, em “Cartas do Papa Francisco abriram caminho para acordo entre EUA e Cuba”, de 20 de dezembro de 2014, considera até mesmo a origem latino-americana do Papa, primeiro pontífice nascido na região, como um fator significativo para o restabelecimento das relações. Diz o texto: “o tema ganhou mais importância depois que a Igreja Católica passou a ser liderada pela primeira vez por um papa de origem latino-americana”.

Na matéria publicada na Folha de S. Paulo, em 17 de dezembro de 2014, “Papa Francisco intermediou aproximação entre EUA e Cuba”, já se apresenta no título uma motivação personalista: Francisco como agente do fato, como acontecimento. O foco da notícia, portanto, centra-se na atuação do Papa, que “se colocou” entre os dois países, gerando a “aproximação”. No segundo parágrafo, o trecho “(...) e ainda mandou cartas pedindo a liberação dos presos (...)” traz novamente essa impressão intimista ao acontecimento, como se o diálogo tivesse se dado a nível reservado e motivado por atuação pessoal de Francisco.

A matéria do Portal Terra, de 18 de dezembro de 2014, “Papa diz que está feliz com aproximação EUA-Cuba”, coloca em jogo mais uma vez a figura do Papa como o verdadeiro acontecimento, com um detalhe a mais: é a emoção de Francisco com o acordo que interessa aqui pela felicidade demonstrada por ele com a aproximação entre EUA e Cuba.

Nas duas edições da Veja aqui analisadas, a heroização da figura do Papa ganha notório destaque. Grigoletto e De Nardi identificam que esse processo, junto a figuras públicas abordadas pela mídia, acontece quando

O discurso midiático se orienta no sentido de construir para eles uma espécie de função-heroica, que se produz a partir da repetição de atribuições, mais ou menos regulares, sobre esses sujeitos – retidão de caráter, simplicidade, comprometimento, etc. –, que trabalham no apagamento das contradições inerentes aos seus discursos e sua atuação política (GRIGOLETTO; DE NARDI, 2015, p. 1)

Dessa forma, em “Papa Francisco, o diplomata”, ainda que uma expressão referente ao papel de mediador diplomático apareça no título, já no subtítulo temos indícios desse discurso de heroificação, quando a revista fala: “ciente do seu poder e influência como líder global, o pontífice destacou-se como figura central na restauração das relações entre EUA e Cuba”. Esse “poder” e “influência”, atributos personalistas, seriam os motivadores para que o pontífice desponte como a “figura central”, o indivíduo responsável por uma negociação bem sucedida a partir dessas características.

No mesmo texto, o reconhecimento fica ainda mais claro quando a reportagem diz que Francisco “sabe muito bem utilizar sua autoridade moral para colocar em pauta vários temas” e que o Pontífice já teria dado mostras de sua “habilidade diplomática” ao reunir o presidente israelense Shimon Peres e o presidente da Autoridade Nacional Palestina Mahmoud Abbas, em viagem à Ásia.

Discurso semelhante está na outra reportagem da revista, quando classifica que as negociações “tiveram uma contribuição valiosa do Papa Francisco” ou quando reproduz discurso de outros atores envolvidos, como a citação à fala do presidente norte-americano Barack Obama: “Em particular, eu quero agradecer a sua santidade o Papa Francisco, cujo exemplo moral nos mostra a importância de buscar um mundo como ele deveria ser, em vez de simplesmente se conformar com o mundo como ele é”. Dessa forma, ainda que as relações internacionais sejam assunto dos textos jornalísticos, fica clara uma exaltação de atributos do atual Papa, como “autoridade moral”, “exemplo moral” e “habilidade”, como determinantes para o sucesso da reaproximação.

Na matéria da Folha de S. Paulo, essa fala de Obama também é destacada pelo repórter, que pode ser interpretado como uma ideia do inconformismo do Papa. Aqui, configura-se um apagamento de contradições, ao qualificar de inconformista um líder religioso de uma instituição que é dogmática, burocrática e muitas vezes classificada como conservadora, sem, porém, mencionar qualquer dessas características. O repórter também destaca o agradecimento do presidente cubano Raul Castro “às gestões do Vaticano, especialmente do Papa Francisco”.

Já a fala destacada pelo repórter para o Papa indica a ação de um agente pacificador, preocupado com a superação das dificuldades em nome dos cidadãos dos dois países. Um último ponto a ser analisado é a ênfase na ideia de que várias negociações estavam em curso, mas que “o último encontro foi no Vaticano”, passando a sugerir que a mediação de Francisco foi decisiva.

Verifica-se na matéria do Portal Terra um dado interessante a respeito do papel da diplomacia. É a ela que o Papa atribui o sucesso na obtenção da “paz, aproximar os corações dos povos, semear a fraternidade”. É um diferencial dessa matéria tocar nessa questão, embora envolta em uma aura carismática, quando novamente é apontado o desejo de Francisco “de entrar para a história como um homem de paz, que luta pela fraternidade entre os povos”. A repetição da importância do papel da diplomacia como “um trabalho de pequenos gestos” ou “pequenos passos”, em declaração do Papa, apresenta ainda um tom de paciência, de humildade, realizada por embaixadores comprometidos com o acordo.

Três reportagens⁵ de diferentes veículos (Corriere Della Sera, La Repubblica e La Stampa), em suas versões online, foram selecionadas como referências para analisar a cobertura da imprensa italiana. O texto que mais se diferencia da ênfase no carisma pessoal apresentada pelas publicações brasileiras é o da La Repubblica. Não há, na matéria, citação que exalte atributos pessoais do pontífice. Em contraponto, além de mencionar que o acordo para restabelecimento das relações foi alcançado após “um ano de negociações secretas”, há um parágrafo inteiramente dedicado a uma análise sobre relações diplomáticas do Vaticano, reproduzido a seguir:

E mesmo se a Santa Sé tenha tido um perfil de absoluta discrição sobre o caso, há todos os elementos para pensar que tinha tido um papel crucial na mediação. Em janeiro, o Vaticano não tinha mencionado Cuba entre os muitos assuntos (Síria, Oriente Médio, Sudão do Sul, Estados Unidos) abordados entre os chefes da diplomacia estadunidense e o primeiro colaborador do Papa Bergoglio⁶

⁵ As publicações italianas analisadas aqui são:

- Cuba-Usa, il giorno della svolta. Obama: "Embargo superato, inizia un nuovo capitolo". La Repubblica. 17 de dezembro de 2014. Disponível em: <https://www.repubblica.it/esteri/2014/12/17/news/cuba_liberato_il_contractor_usa_alan_gross-103128070>. Acesso em: 29 de abr. de 2019

- Cuba-Stati Uniti, Papa Francesco e il Vaticano dietro la svolta. Corriere Della Sera. 17 de dezembro de 2014. Disponível em: <https://www.corriere.it/esteri/14_dicembre_17/cuba-stati-uniti-papa-francesco-vaticano-dietro-svolta-5ae5779c-8612-11e4-a2bf-0fba46a30b83.shtml>. Acesso em: 29 de abr. de 2019

- Vatican: The key steps that led to the thaw in US-Cuba relations. La Stampa. 19 de dezembro de 2014. Disponível em: <<https://www.lastampa.it/2014/12/19/vaticaninsider/vatican-the-key-steps-that-led-to-the-thaw-in-uscuba-relations-1OoVIODD1xhRopbulBGm5O/pagina.html>>. Acesso em: 30 de abr. de 2019

⁶ As citações dos veículos italianos aparecem aqui em português, em tradução dos autores deste artigo.

O Corriere Della Sera mescla os dois aspectos. Fala de “apelo pessoal” de Bergoglio a Barack Obama e Raul Castro, em forma de cartas, como ajuda para resolução definitiva da reaproximação entre os países. Também analisa que, para a tradição católica cubana, “a posição de Francisco, primeiro papa latino-americano e não europeu da História foi determinante”.

O mesmo jornal, porém, destaca aspectos ligados à diplomacia da Santa Sé. Isso acontece quando reproduz nota oficial do Vaticano, que diz que a Igreja Católica ofereceu “os seus bons ofícios para favorecer um diálogo construtivo sobre temas delicados, das quais são buscadas soluções satisfatórias para ambas as partes”. Há também uma menção a uma problemática delicada: a libertação de Alan Gross, funcionário da Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (Usaid), detido em Cuba em 2009. Essa libertação foi um dos itens envolvidos para o sucesso da negociação entre os dois países – houve, em contrapartida, libertação de agentes de inteligência cubanos, presos nos EUA desde 1998.

O La Stampa, por sua vez, foi o periódico que cedeu maior destaque à ação diplomática da Santa Sé, por meio da seção específica dedicada ao Vaticano (Vatican Insider), na versão em inglês de seu portal. Na reportagem, a avaliação de que “graças ao seu papel de mediação no processo de reconciliação entre Cuba e os EUA, a diplomacia vaticana encontra-se de volta ao centro do cenário internacional”.

A reportagem toma as relações internacionais como ponto central da abordagem e traz entrevistas com os embaixadores de quatro países junto ao Vaticano (Portugal, Peru, Guatemala e Venezuela). A avaliação de representantes de outros países também ganha destaque, mencionando que o trabalho da Santa Sé ganhou elogios por ter sido “profissional”, “bem feito”, que contou com a “discrição como o fator chave”.

Na análise do La Repubblica e, principalmente, no La Stampa, parece haver predomínio de um outro valor-notícia, o de “significação”, compreendido aqui como “relevância do acontecimento, (...) impacto que poderá ter sobre o leitor ou os ouvintes” (TRAQUINA, 2005, 68). É uma cobertura em que o impacto de um histórico restabelecimento de relações diplomáticas, um caso cuja origem remete ao período da Guerra Fria e é, portanto, marcado por questões geopolíticas relevantes, é o aspecto principal.

Considerações finais

Ao analisar desafios para a diplomacia da Santa Sé neste novo século, Boris Vukevic (2015) avalia que a reaproximação entre EUA e Cuba não estaria entre os maiores desafios da Igreja Católica nesse período. Para ele, apesar de uma atuação bem-sucedida do Vaticano, essa reaproximação tenderia a acontecer em um futuro próximo. Além disso, destaca que os Estados Unidos são uma democracia com grande população católica, e Cuba, mesmo sendo um sistema fechado de partido único, é influenciada pela Igreja Católica. São países, portanto, situados em uma área de influência da Santa Sé, ao contrário da China, dos países de maioria cristã ortodoxa e dos países islâmicos, esses considerados pelo autor como desafios maiores, conforme já citamos neste artigo.

Embora seja notório que o restabelecimento de relações diplomáticas - por fatores como o longo tempo de rompimento e a disputa ideológica que motivou o afastamento e o bloqueio comercial norte-americano - seja fato merecedor da atenção de uma cobertura jornalística, o que se observou na imprensa brasileira, de modo geral, foi um discurso que secundarizou a atuação diplomática da instituição, Santa Sé, para enfatizar uma atuação mais personalista do líder religioso da Igreja Católica.

A cobertura brasileira pouco se ateu a aspectos como esses entraves diplomáticos considerados desafios para a aproximação da Igreja com outras nações, ou mesmo mostrou interesse maior em detalhar trâmites da contribuição da Santa Sé para a negociação entre EUA e Cuba. Na maior parte das vezes, limitou-se a destacar a influência do Papa para a reconciliação ao citar que o Vaticano cedeu salas para os diplomatas norte-americanos e cubanos estabelecerem diálogo.

Assim, nota-se a ênfase em uma construção jornalística que representa Francisco como um “herói”, articulando os atributos carismáticos e suas aparições públicas em sintonia com as linguagens de aproximação entre religiosidade e entretenimento. Uma construção compreensível, sob o ponto de vista de valores-notícia aqui abordados, mas que pode resultar no risco de deixar de lado questões relevantes sobre relações internacionais, especialmente quando se trata do trabalho de editorias especializadas na cobertura internacional.

Já no caso italiano, houve um diferencial, a partir da leitura feita pelo *La Repubblica* e pelo *La Stampa*. Coube a esses dois veículos uma ênfase de que o êxito no restabelecimento das relações entre Estados Unidos e Cuba se deve, principalmente, a um

trabalho de diplomacia, para o qual o Papa Francisco foi um ator importante, mas sem uma interpretação de mérito por carisma ou outros atributos estritamente pessoais.

Ainda que uma proximidade geográfica com o Vaticano possa ser fator decisivo para uma rotina jornalística mais especializada - o *La Stampa*, como aqui foi citado, dedica seção em seu portal exclusivamente para assuntos relacionados à Santa Sé e ao Papa, enquanto os veículos brasileiros, sem sucursal na Itália, construíram abordagens a partir de agências de notícias (AFP, por exemplo, foi usada pelo Terra e pela Veja) e outros veículos estrangeiros – aparentemente esse diferencial se deu por opção editorial, a partir de critério que toma as relações internacionais como aspecto de maior destaque.

Para além dessas semelhanças e distinções, também é importante que se reflita sobre a hipótese, aqui já mencionada, de que o olhar jornalístico sobre a figura papal sofra influência de uma estratégia de Comunicação da Igreja Católica, com a exploração midiática de atos atribuídos ao carisma pessoal do pontífice para a busca de visibilidade, reforço da pertença de fiéis e até mesmo aproximação com um público afastado de um Catolicismo tido como mais “tradicional” ou conservador. Uma exploração que pode ser relevante em um contexto no qual há concorrência por fiéis no campo religioso e onde há percepção de que a instituição deva passar por reformas como as que Francisco busca implementar.

Referências bibliográficas

ANGELINI, Maria Cristina. **Os gestos dos papas na cultura da mídia**. Revista Eletrônica CoMtempo, v. 6, n. 2, 2014. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/12/Maria-Cristina-Angelini.pdf> Acesso em: 30 de abr. de 2019.

BERGER, Peter. O dossel sagrado – elementos para uma teoria sociológica da religião. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.

CARLETTI, Anna. **Do centro às periferias**: o deslocamento ideológico da diplomacia da Santa Sé com o papa Francisco. Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais, v.4, n.7, p.218-239, Jan./Jun., 2015. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/austral/article/viewFile/57030/35250>. Acesso em: 29 de abr. de 2019

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local**. 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans. **Entre a (des)política e a resistência**: o funcionamento dos processos de heroicização construídos pela mídia. SEAD, 7, 13 a 16 out. 2015, Recife, PE. Anais... Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/7SEAD/SIMPOSIO09/EvandraGrigolettoeFabieleStockmansDeNardi.pdf>. Acesso em: 29 de abr. de 2019.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico**: um ensaio sobre comunicação e campo religioso. São Paulo: Paulus, 2003.

NÓBREGA, Adilson Rodrigues da; BONFIM, Síria Mapurunga. **Líder carismático ou diplomata**: cobertura da mídia brasileira sobre atuação do papa Francisco na reaproximação EUA e Cuba. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 14, Palhoça, Unisul, 2016. Anais... Palhoça, Unisul, 2016. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2016/paper/viewFile/10/165>. Acesso em: 30 abr. de 2019.

PASSOS, João Décio. **Os limites do carisma na instituição tradicional**: reflexões sobre as reformas do Papa Francisco em chave weberiana. Horizonte, Belo Horizonte, v. 12, n. 36, p.1384-1407, out.-dez. 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n36p1384/7533>. Acesso em: 28 de abr. de 2019

PEDRON, Caio César. **Papa Francisco**: o poder carismático de um líder global. UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v. 3, p. 108-127, jan.-jun., 2015. Disponível em: <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas/article/view/300/282>. Acesso em: 29 de abr. de 2019

SIMÕES, Paula G.; FERREIRA, Juliana da S. **Acontecimento, celebridade e carisma**: uma análise da imagem pública do Papa Francisco. Rev. Comun. Midiática (online), Bauru/ SP, v.10, n.1, p.70-83, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/158/159>. Acesso em: 30 de abr. de 2019

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, por que as notícias são como são**. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VUKICEVIC, Boris. **Pope Francis and the challenges of inter-civilization diplomacy**. Revista Brasileira de Política Internacional, v.58, n.2, Brasília, Jul./Dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292015000200065. Acesso em: 29 de abr. de 2019

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UnB, 1999, Vol. 2.